

UNEMAT Editora

Editor: Agnaldo Rodrigues da Silva

Revisão: Equipe Unemat Editora

Diagramação: Ricelli Justino dos Reis

INFORMAÇÕES SOBRE OS ANAIS:

Copyright@2011 - Unemat Editora

Conselho Científico: Agnaldo Rodrigues da Silva (Presidente)
Elisabeth Battista
Olga Maria Castrillon-Mendes
Vera Lúcia da Rocha Maquêa
Walnice de Matos Vilalva

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SILVA, Agnaldo Rodrigues (Organizador).
ANAIS COLÓQUIO INTERNACIONAL DE LITERATURA
COMPARADA. Volume 1, n. 1, 2011. Cáceres: UNEMAT Editora, 2011.

ISSN :



Unemat Editora
Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada
Cáceres-MT-Brasil- 78200-000
Fone/fax: (0xx65) 3221-0077
E-mail: editora@unemat.br



Eugénio Tavares e a Cabo-verdianidade: algumas considerações

Genivaldo Rodrigues Sobrinho

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – *Campus* de Sinop

Resumo: Considerado figura emblemática da vida cultural, política e social de cabo-verdiana entre 1890 e 1930, Eugénio Tavares se mostrou o nome mais importante em todas as áreas da cultura de seu povo, sendo apontado como um de seus maiores intérpretes até os dias de hoje. A sua obra é vasta e vai da poesia à música, da retórica à ficção, enveredando-se também pelo ensaio. Em sua poética, Eugénio Tavares busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. Na prosa e no jornalismo, o autor trabalha questões de natureza política e social. Nesse sentido, a sua produção, opera a confluência entre a arte culta e a arte popular. Pelo resgate das formas tradicionais e preservação do patrimônio imaterial crioulo, pode ser visto como um dos iniciadores daquilo que viria a ser denominado de cabo-verdianidade. Nesta comunicação, pretendemos apresentar alguns elementos de sua produção que nos ajudam a compreender tal afirmação.

Palavras-chave: Literatura cabo-verdiana, Eugénio Tavares, poesia, morna, jornalismo.

Abstract: Considered an emblematic figure of the cultural, political and social life of Cape Verde from 1890 to 1930, Eugénio Tavares proved the most important name in all of the culture of his people, being appointed as one of its greatest interpreters up to nowadays. His work is vast and ranges from poetry to music, from rhetoric to fiction as well as the essay. In his poetry, Eugénio Tavares searches from the Creole tradition of *mornas*, maximum representative of the soul of Cape Verde, bringing to literary speech of the song and popular speech. In prose and journalism, the author works political and social issues. In this sense, his production operates the confluence of cult art and popular one. By the rescue and preservation of traditional forms of intangible Creole heritage, he may be seen as a forerunner of what would be denominated as Cape-verdianity. In this paper, we intend to present some elements of his production that help us understand this statement.

Key-words: Cape Verdian literature, Eugénio Tavares, poetry, morna, journalism.



Eugénio Tavares é considerado um ícone da vida cultural, política e social de Cabo Verde entre 1890 e 1930. Durante estas quatro décadas, ele se mostrou o nome mais importante em todas as áreas da cultura de seu povo, tendo-se tornado o seu maior intérprete até os dias de hoje. A sua obra é vasta e vai da poesia à música, da retórica à ficção, enveredando também pelo ensaio. Em sua poética, Eugénio Tavares busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. No entanto, ainda paira no ar, entre os cabo-verdianos, a evocação de Nhô Eugénio como um ente mítico, que alcançou o ápice do lirismo da mais representativa manifestação da identidade crioula.

Eugénio de Paula Tavares nasceu na Ilha Brava, em 18 de outubro de 1867 e faleceu aos 63 anos, em 01 de junho de 1930, na mesma ilha. Seus pais foram Francisco de Paula Tavares e Eugénia Nozolino Tavares. Sua mãe morre durante o parto e seu pai veio a falecer três anos depois na Guiné, a serviço de Portugal. O menino Eugénio foi adotado então pela família do médico José Martins da Vera Cruz, que lhe deu as condições necessárias para se tornar num grande homem. Casou-se com Guiomar Leça Tavares, não deixando herdeiros, fato muito lamentado pelo casal.

Mesmo não tendo freqüentado o Liceu de São Nicolau nem tido a oportunidade de estudar em qualquer outro estabelecimento de ensino fora de seu país, Eugénio Tavares era possuidor de apurada formação cultural que viria a se refletir em sua produção escrita. Apesar de ser autodidata em sua formação, como jornalista e prosador, Eugénio Tavares dominou o cenário cabo-verdiano nas primeiras décadas do século XX. A este respeito, Carlota e Viriato de Barros em texto de uma conferência proferida na cidade Lisboa, em 2005, afirmam:

A formação de Eugénio Tavares fez-se no excelente ambiente em que cresceu, entre gente de cultura e conhecimento, a cujas bibliotecas tinha acesso constante e que constituíam para ele autênticos santuários pessoais de estudo. [...] foi sobretudo aluno do seu povo, da sua terra, da sua ilha, da cultura do seu povo que amou sem condições, sofrendo as suas dores, lutando as suas lutas, sentindo como própria as suas revoltas, porque doutra forma não podia ser, mas vivendo também os seus



amores e as dores de quem ama com essa intensidade que se sente nos seus poemas¹.

Sabe-se, portanto, que Eugénio Tavares – apesar de todas as limitações e dificuldades – superou os obstáculos em busca de seu desenvolvimento intelectual. Carlota e Viriato ressaltam, ainda, o talento deste escritor cabo-verdiano, que foi descoberto pelo poeta bravense Luiz Medina de Vasconcelos. Este publicou um poema de Eugénio Tavares no *Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*, enfatizando sua qualidade, inclusive o conhecimento da língua e dos códigos de versificação. Ao lado desses atributos, também destacou a devoção à justiça social deste autor face ao descaso do Governo central, bem como sua militância na causa republicana em favor deste ideal. No jornalismo, com seu talento e mestria na linguagem, Eugénio denunciava com veemência os graves problemas sociais de sua terra como, por exemplo, a falta de escolas. Muitas vezes esta denúncia vinha carregada de mordacidade e a arma utilizada era a ironia:

Como, no n.º 2 desta Revista, eu exigisse escolas para os cabo-verdianos, pessoa de incontestada seriedade, em carta muito prolixa e substanciosa, me faz ver que, antes de exigir com estéril entono eu devia pedir com proveitosa humildade.

Li a missiva, apreciei-a e muito me detive a pensar antes de responder com estas linhas, cuja publicação solicito ao Exmo. director da “Revista”.

Pensei muito para que, em razão da minha rudeza e incultura, não fosse a resposta desatremar da advertência.

Afoguei a formidável gargalhada que, em ondas, me subia do peito; deixei-me serenar e comecei esta breve resposta.

Eu não peço aquilo que, posto que me tenha sido negado, por direito, meu, exijo.

[...]

Quereis saber quem sou eu para exigir? Sou uma vontade e, por conseguinte, uma força.

[...]

É tempo de se convencerem todos, de que dar escolas e estradas ao povo, não é um favor que se lhe faz; é uma dívida que se lhe

1 Disponível em: www.eugeniotavares.org. Online em 24/06/2005 às 21:46.



A revelação do talento precoce de Eugénio Tavares foi fundamental para que o seu carácter combativo, questionador, voltado para seu país e sua gente se moldasse e se fortalecesse para o prosseguimento de seus embates em favor das conquistas políticas e sociais imprescindíveis, sem o apelo fácil ao meramente panfletário.

Isabel Lobo, na introdução ao volume *Eugénio Tavares: poesia, contos, teatro* (1996), recolha de textos poéticos, narrativos e teatrais de Eugénio Tavares, afirma que Eugénio “é nome de referência na literatura cabo-verdiana” (1996, p. 5). Sua produção escrita enlaça um significativo conjunto de gêneros, em que há a predominância de uma linguagem marcante da época e em que não se pode deixar de observar um diálogo diverso, por parte do autor, com o Romantismo e o Classicismo renascentista. Por meio da leitura desta vasta produção, podemos alcançar uma compreensão mais acurada de alguns dos fenômenos sociais, cívicos e literários típicos do final do século XIX e do início do século XX, no Arquipélago de Cabo Verde.

As bases em que se estrutura a nova fase da produção literária cabo-verdiana, anunciadas na revista *Claridade*, já eram debatidas anteriormente por Eugénio Tavares desde o final do século XIX. Sua produção, questionadora dos rumos não só da literatura, como também de Cabo Verde como nação independente, deu-se no período denominado por alguns críticos e estudiosos de “pré-claridoso” ou “nativista”.

Jorge Barbosa, em “Eugénio (Tópicos de uma monografia)”, publicado em *Notícias de Cabo Verde* em 31 de maio de 1931 e reproduzido na íntegra pelo Jornal-Revista de Educação, Ciência e Cultura Artiletra (34/35, de junho/julho de 2000), afirma que: “Ninguém como Ele foi tão expressivo como tipo de uma raça, ninguém como Eugénio viveu tão intensamente pela sua terra. Ninguém pode medir-se com Ele no grau de caboverdianismo” (p. VI).

Em sua poética, Eugénio busca da tradição crioula a morna, representante máxima da alma cabo-verdiana, aproximando o discurso literário da canção e da fala do povo. Nos textos em prosa e no jornalismo,



o autor enfoca questões de natureza política e social (o texto engajado já abre um debate sobre a necessidade da independência política, social e cultural de Cabo Verde). Sua produção, bastante inovadora para a época, opera a confluência entre a arte culta e a arte popular. Nesse encontro, o autor resgata as formas tradicionais e preserva o patrimônio imaterial crioulo.

José António Nobre Marques Guimarães, em *O Nativismo em Eugénio Tavares* (2005), ressalta que um dos fios condutores da ação política e jornalística do poeta, desde cedo, ergue-se contra a contratação de serviçais para São Tomé. Este trabalho, pesado e muito mal remunerado, era quase equivalente à escravidão. Era destinado aos cabo-verdianos que se submetiam a ele em virtude do estado miserável em que viviam, uma vez que não tinham outra alternativa diante das sucessivas secas que assolavam o país e que causavam grande caos social, quadro associado ao abandono da colônia pelo colonizador português. Havia, ademais, interesse por parte da administração colonial em se aproveitar desse cenário de calamidades, já que desta forma o governo português conseguia mão-de-obra quase gratuita para o trabalho nas plantações de café e cacau em São Tomé.

A ilha Brava será, nesta época, um cenário perfeito para retratar as vivências crioulas, mesmo com todas as suas dificuldades e carências; é sempre com muito carinho e amor que Eugénio se refere à sua ilha de origem. Percebe-se, nesse movimento de descrição do seu torrão natal, uma vontade de que o *locus* privilegiado na obra não seja apenas a Brava, mas o Arquipélago como um todo. Para Manuela Ernestina Monteiro:

Eugénio recriou a sua ilha tanto nos versos como na prosa: o relevo, a beleza da natureza, na qual as flores e os aromas ocupam lugar de destaque, actos da vida quotidiana bravense, sem esquecer alguns hábitos e costumes, numa palavra, a atmosfera típica da ilha Brava (1999, p. 8).

Ele vai conceber a ilha Brava como pátria/mátria², na senda

2 Manuel Brito Semedo nos informa que “O conceito de *Mátria* foi primeiramente utilizado pelo Padre António Vieira, em 1639, no “Sermão de Nossa Senhora da Conceição”, pregado na igreja de Nossa Senhora do Desterro, na Baía, no contexto de a Terra ser desterro e o Céu a verdadeira e bem-aventurada pátria (2006, p. 266).



da discussão empreendida por Manuel Ferreira (1987, p. 83), de que, nesta época, Portugal era considerado como Pátria (Pai) e a ilha como Máttria (Mãe-Terra).

A respeito da imagem que os bravenses fazem de Eugénio Tavares, lembramos as palavras do escritor Luís Romano, quando de sua ida à Brava, por volta de 1980, em busca de “reliquias” sobre Nhô Eugénio. Dos relatos coligidos por ele, destacamos este, citado por Manuela Ernestina Monteiro:

As estórias se embrulham e fica somente a evocação de um Ente Querido, quase mitológico, que foi e é adorado pela gente amorável da sua ilha Brava, a quem serviu de defensor e quase sempre mentor ou até juiz. (...) Há sempre alguém que se lembre de um improviso, de uma graça, de uns versos, de uma partida ou de uma sentença de Nho Eugénio. Quando as mornas de Nho Eugénio são anunciadas, há como que uma homenagem sentida àquele que soube ler no coração das pessoas (...) (1997, p. 6).

Vale lembrar que a vivência cabo-verdiana de Eugénio Tavares não se restringiu apenas à Ilha Brava. Ainda muito jovem consegue um posto de trabalho, numa casa comercial que representava os interesses consulares dos Estados Unidos, na Ilha de São Vicente. A vida em Mindelo era inebriante, um grande contraste com o meio simples da Ilha Brava. A cidade sanvicentina significava um espaço de cultura e cosmopolitismo, uma intersecção de costumes e calor humano, onde o jovem intelectual despertaria para os rumos ditados pelo seu destino.

A mestiçagem, muito mais efetiva em São Vicente do que na Brava, proporcionava-lhe belos exemplos de mulher crioula surgidos do cruzamento das mais diversas etnias vindas do continente africano com o europeu de diversas origens e, por conseguinte, uma hibridação de culturas nunca antes vista. Era este o cenário para o novo poeta em busca de melhor formação e novos conhecimentos. Mindelo passaria, então, a ser a sua segunda morada, encantando-o por toda vida e levando-o a lutar, na imprensa, por sua transformação em cidade e capital do país.

Após aproximadamente dois anos em São Vicente, muda-se



para a ilha-mãe (a primeira a ser povoada) de todos os cabo-verdianos, Santiago, com o claro propósito de conhecer o Cabo Verde profundo e vernáculo. Esta iniciativa se converte no ponto de virada para a definição do destino do homem ímpar que viria a se tornar Eugénio Tavares. Homem apaixonado e interessado pelo seu povo e pela sua cultura.

Preocupado em apreender o que Cabo Verde possuía de mais significativo em termos culturais, buscou sempre estar entre as pessoas da camada popular, convivendo com seus problemas, suas angústias, seu modo de estar no mundo. Numa demonstração de amor à mulher crioula, em sua passagem por Santiago, compõe o poema “As Crioulas³”:

A Virgem Maria
Pura mãe de Deus
Seria crioula?
Sim; nos sonhos meus,
Contemplo-a, morena,
Filha de plebeus,
Morena crioula
Rainha dos Céus...
Nos seus tristes olhos
Boiados de amor,
Há consolações,
Para toda a dor. A doce crioula
Pequenina flor
É como a violeta no aroma, na cor.

Verificamos, nestes versos, que a dedicação à mulher cabo-verdiana é tanta que Eugénio consegue ver nela as virtudes da Mãe de Jesus.

Por outro lado, esta mulher é a representante máxima da ilha de Santiago, com sua gente simpática, afável e de vestes coloridas, suas montanhas, vales e paisagens de tirar o fôlego, é desde o início da colonização portuguesa um grande caldeirão de cultura e tradições ancestrais. Com efeito, é considerada, segundo o olhar cabo-verdiano, a mais africana das dez ilhas, e Eugénio quis viver de perto esta realidade

3 Disponível em <http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/biografia/santiago.html>
online em 15/05/2008 Online em 15/01/08, às 15:23.



fundamental à sua formação cultural e intelectual.

O exílio também marcou profundamente a formação e o desenvolvimento de Eugénio Tavares como homem que pensava Cabo Verde. As constantes perseguições de cunho eminentemente político não lhe deram outra opção a não ser fugir para os Estados Unidos. Num primeiro momento, o autor irá lamentar grandemente o fato de ter deixado a terra que tanto amava. No entanto, sua estada em território norte-americano não será de todo perdida, visto que sua atuação combativa das mazelas provocadas pelos desmandos governamentais não se interrompeu. Pelo contrário, teve a oportunidade de fundar aquele que pode ser considerado o primeiro jornal em língua portuguesa na diáspora: *A Alvorada*. Além disso, frequentou clubes republicanos e maçônicos, cuja aceitação era bastante restrita. Desta forma, ampliava-se imensamente sua visão de mundo e sua consciência sobre os problemas culturais, políticos e sociais de Cabo Verde.

Eugénio Tavares é, pois, reconhecido como uma das balizas da cultura cabo-verdiana de todos os tempos. Este reconhecimento se dá devido à sua produção literária, musical, jornalística e epistolar, marcada principalmente pela originalidade de seus temas. A defesa apaixonada e intensa de Cabo Verde, seu povo e sua cultura nos leva a acreditar que Eugénio Tavares tenha sido um precursor da cabo-verdianidade, apesar de ter vivido numa época de graves restrições impostas pelo sistema colonial português.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. “Eugénio (Tópicos de uma monografia)”. In: **Jornal-Revista de Educação, Ciência e Cultura Artilترا**. Praia: números 34 e 35, junho/julho de 2000.

BARROS, Carlota & BARROS, Viriato. O amor em Eugénio Tavares. In: http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/amor_em_eugenio_tavares.html Acesso em 14/06/2005.

BRITO-SEMEDO, Manuel. **A construção da identidade nacional** –



análise da imprensa entre 1877 e 1975. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

FORTES, Corsino. Eugénio Tavares: um construtor do humanismo cabo-verdiano. Disponível em: Humanismo Latino Online. <http://www.humanismolatino.online.pt>. Acesso em maio de 2010.

GUIMARÃES, José António Nobre Marques. O nativismo em Eugénio Tavares. In: http://www.eugeniotavares.org/docs/pt/noticias/nativismo_eugenio_tavares.html Acesso em 24/06/2005.

HERNANDEZ, Leila Leite. **Os filhos da terra do sol: a formação do estado-nação em Cabo Verde**. São Paulo: Selo Negro, 2002.

LIMA, Antonio Germano. EUGÉNIO TAVARES: contribuição para a investigação histórico-cultural da sociedade cabo-verdiana. Disponível em <http://transcv.blogspot.com/2006/12/eugenio-tavares-contribuio-para.html>. Acesso em maio de 2010.

LOPES, José. Eugénio Tavares. In: *Eugénio Tavares – viagens, tormentas, cartas e postais*. Recolha, organização e notas biográficas de Félix Monteiro. Prefácio de Manuela Ernestina Monteiro. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1999, pp. 294-296.

MONTEIRO, Félix (Recolha). **Eugénio Tavares: poesia, contos, teatro**. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1996.

_____. **Eugénio Tavares: pelos jornais...** Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1997.

_____. (Recolha). **Eugénio Tavares – viagens tormentas cartas e postais**. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1999.

www.eugeniotavares.org O grande intérprete do maravilhoso espírito caboverdiano. Acesso em 15/05/2008.



PEIXEIRA, Luís Manuel de Sousa. **Da mestiçagem à caboverdianidade: registos de uma sociocultura.** Lisboa: Edições Colibri, 2003.

RODRIGUES, Moacyr & LOBO, Isabel. **A morna na literatura tradicional: fonte para estudo histórico-literário e a sua repercussão na sociedade.** Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, 1996.

SILVA, Tomé Varela da. Eugénio Tavares pelos jornais... *In: Revista Pré-textos*, dez. 98. Praia: Associação dos Escritores de Cabo Verde, 1998, pp. 56-59.